

Um histórico da evolução do *rating* das seguradoras

Francisco Galiza

Mestre em Economia (FGV)

Há 4 anos, em palestra realizada no Congresso dos Corretores de Seguros de São Paulo, tivemos a oportunidade de apresentar a metodologia de um “rating” para as seguradoras brasileiras. Patrocinado pela FENACOR, e divulgado desde então pela *internet* e por outros meios de comunicação, este trabalho teve como proposta ser uma medição do nível de risco e de qualidade da gestão deste tipo de companhia.

Na sua primeira fase, o *rating* (ou classificação de riscos) era baseado em trabalhos internacionais análogos, adaptados em artigos específicos¹ para o mercado brasileiro, com o objetivo de facilitar a sua divulgação. Nesta ocasião, a análise tinha as seguintes características básicas, conforme se observa na tabela 1. De divulgação obrigatória, usando-se 4 cores para qualificar uma empresa e tendo os dados contábeis como principal fonte da análise. As cores eram Verde (Boa), Amarela (Regular), Vermelha (Deficiente) e Branca (Sem Opinião), quando não havia condições suficientes (por vários motivos) para uma classificação.

Tabela 1 - Evolução do *Rating*

Períodos	1a. Fase – 1996	2a. Fase – 1998	3a. Fase - 2000
Características	Análise dos Dados Contábeis	Análise de Mercado, complementada pelo envio de questionários	Relatório de Classificação de Riscos, com dados internos da companhia
CORES (Classificação Geral)	4 Cores	5 Cores	8 Cores
Crítérios usados	Capitalização, Rentabilidade e Liquidez	Capitalização, Rentabilidade, Liquidez e Análise de Mercado	Relatório de Riscos
Ajustes	De Tamanho	De Tamanho e da Carteira de Seguros	Os ajustes estão inseridos em testes internos do relatório
Cor BRANCA (Sem Opinião)	Empresa nova, muito pequena, com alteração acionária recente, com elevada operação como retrocessionária ou com o seguro obrigatório DPVAT	Empresa nova, muito pequena, com alteração acionária recente, com elevada operação como retrocessionária ou com o seguro obrigatório DPVAT	Não Existe
Divulgação	Obrigatória	Obrigatória	Obrigatória até a 2ª. Fase, Divulgação Facultativa do Relatório

Nesta análise econômico-financeira, 3 critérios eram avaliados – os níveis de capitalização, de rentabilidade e de liquidez da companhia. Uma outra

¹ “Avaliação de empresas seguradoras”, dezembro/96 e “Um *rating* para o mercado segurador brasileiro”, junho/96; os dois trabalhos na Revista do IRB.

característica importante era o ajuste de alguns indicadores, segundo o tamanho da empresa. Esta fase durou até 1998, quando melhorias foram feitas.

A segunda fase trouxe mudanças importantes para o *rating*. Uma delas foi a introdução de mais um critério de avaliação – a Análise de Mercado -, resultado das conclusões advindas de um conjunto de informações extra-contábeis, obtidas, por exemplo, pelo envio de questionários às próprias companhias. Uma outra modificação foi o acréscimo de mais uma cor – Azul (Muito Boa) -, assim como a utilização de um Ajuste da Carteira de Seguros, complementar ao Ajuste do Tamanho, já realizado. Esta fase durou até o momento.

Este modelo, entretanto, já vem se mostrando deficiente, havendo, assim, a necessidade de modificações. Há 3 motivos para esta atitude. Primeiro, o próprio aprimoramento da metodologia, com o aumento na eficiência da avaliação; segundo, a quantidade de informações gerada com os questionários passou a ser muito elevada, dificultando uma avaliação mais precisa; terceiro, a demanda pela classificação de todas as empresas (sobretudo as com a cor Branca). Atualmente, em média, entre 25 e 30% das empresas recebem esta nota, das 125 existentes em 1999.

Tabela 2 – Novos Critérios do *Rating*

Classificação de Riscos
AZUL☆ (Excelente)
AZUL (Muito Boa)
VERDE☆ (De Boa para Muito Boa)
VERDE (Boa)
AMARELA☆ (De Regular para Boa)
AMARELA (Regular)
VERMELHA☆ (De Deficiente para Regular)
VERMELHA (Deficiente)
BRANCA (Sem Opinião) (Somente ocorre no <i>rating</i> de divulgação obrigatória)

Em vista disso, passamos para uma terceira fase do modelo de *rating*, onde o grau de eficiência será muito maior. Uma mudança importante é que agora a própria seguradora terá que se interessar por esta análise, permitindo uma avaliação de seus dados internos, com entrevistas e estudos detalhados. Ao final, na conclusão dos trabalhos, seria gerado um relatório específico, com uma nova nota de classificação de riscos, a ser divulgado somente se a empresa assim o permitir (ao contrário das fases anteriores). Se isto não ocorrer, valerá a nota obtida até a 2ª. Fase. Duas outras mudanças são o aumento do número de classificações (para 8 cores, vide tabela 2) e o fim da cor Branca, já que existirá, com o relatório, sempre uma opinião.

Como ilustração final, citamos que, neste Relatório de Classificação de Riscos, os seguintes aspectos são considerados: a condição institucional e a estratégia; as taxas de rentabilidade (total, da carteira de seguros, de sua política de investimentos e em relação aos custos administrativos); os níveis de

capitalização e de liquidez; os riscos das políticas de cosseguro e resseguro; uma comparação dos produtos ao padrão médio do mercado; e análises de sensibilidade a projeções futuras; além de outros fatores.